

1 Os contos

1.1. “Contradança”

Regina é tirada para dançar pela terceira vez. E eu, nada. O que está errado? É quinta-feira, o baile mais tradicional da Estudantina, e os casais já preenchem todos os espaços do salão com rodopios. Estou bem posicionada, sorrindo de leve. Não tenho relógio no pulso, mas imagino que são umas onze e meia da noite, já que a orquestra Tamoio acabou a primeira sequência de boleros e começa a tocar um samba de gafieira. Adoro samba, e mal consigo segurar meus pezinhos marcando o compasso debaixo da mesa.

Nossa mesa não é ruim, está bem próxima das sacadas. Nem faria sentido o problema da localização, já que Regina foi convidada três vezes. E eu, nada. O detalhe é que ela pesa uns quinze quilos a mais do que eu, não sei ao certo quantos porque ela jura que não sobe em balança há anos. Como assim, alguém que não se pesa há anos? Peço uma cerveja ao garçom, um senhorzinho de gravata borboleta para quem cantaram parabéns na semana passada. Um copo de cerveja, dois sambas, e nada de Regina voltar. Nem de me notarem. Pode ser a roupa ou alguma coisa em minha aparência. Decido me olhar no espelho do banheiro, retocar o batom.

Já houve o tempo das vacas magras, antes das gordas. Ou melhor, dos pés-de-chumbo, antes dos pés-de-valsa. A regra numa gafieira tradicional é clara: mulheres, mesmo bonitas, têm que esperar humildemente, nada de ser oferecida. Se não, só vai atrair os que não sabem dançar. Saia rodada e sapato alto, bem preso ao pé, contam pontos, mas importante mesmo é mostrar que conhece os passos, que é do meio. Rola muito chá de cadeira até provar que não é turista.

Regina, Geisa e eu já passamos dessa fase. Aos poucos fomos conquistando nossos pares, e raramente o par de uma dança com a outra. Isso eu não entendo por quê. Teoricamente, é tudo respeitoso, ninguém está aqui pra arrumar namorado. No nosso caso, é isso mesmo. Baile de quinta é pra dançar: a maioria dos dan-

çarinos é gente humilde e feia - só que arrasa na pista. Gente humilde? Nada disso, aqui eles são até arrogantes, chegam com a roupa bem passada, perfumados, e só falam com quem conhecem. Às vezes, por acaso, descobrimos que lá fora são operários ou office-boys. Como percebem que somos “madames”, não conversam conosco. Mas, agora, dançam. No final, nos deixam de volta à mesa e sorrimos, agradecidas.

O caminho até o banheiro é perfeito para dar uma geral no salão e ser vista pelos cavalheiros que, se tudo ocorrer como esperado, ainda vão me tirar para dançar esta noite. Eles gostam de abrir a pista com suas parceiras favoritas e emendam as músicas com elas enquanto o espaço for suficiente para evoluírem em suas coreografias ensaiadas, todo mundo olhando. Mas lá pela uma ou duas da madrugada, quando o salão está lotado e mal dá para fazer um trocadilho sem esbarrar em alguém, aí eles olham as mesas próximas às sacadas do sobrado e vão atrás das damas pacientes.

Ninguém conhecido no percurso até o banheiro. Estranho. Ninguém me olha. O vestido novo pode não ter assentado bem, ou vai ver estou emburrada demais por causa do chá de cadeira. Não volto mais com essa roupa — dá azar. A crooner vai de “Esse amor me envenena, mas todo amor sempre vale a pena”, imitando Alcione. Quando a porta do banheiro se fecha, abafando o samba, ouço alguém gritando em uma das cabines. Um grito gutural, entre gritar e vomitar.

— Ai meu Deus! Tem um feto aqui!

Está dentro da privada, mas o corpo da mulher impede que eu veja, e também não me esforço por isso. Só me ocorre ampará-la, como se aquilo tivesse acabado de sair de dentro dela. Mas já é uma senhora, não faz o menor sentido, aliás, nada está fazendo muito sentido esta noite. Ela se acalma, sai do espaço exíguo apoiada em meu braço e eu encosto a portinhola da cabine, que não chega ao chão.

— O que vamos fazer? Tem certeza de que é um feto?

Ela balança a cabeça que sim. Estamos só as duas no banheiro. Ela passa água na nuca. Talvez tenha vomitado, talvez tivesse ido ao banheiro vomitar.

— Temos que chamar alguém, a moça da limpeza, sei lá — falo, mas logo percebo que não era apropriado dizer. Se fosse uma espécie de bebê quase vivo, o caso seria mais de polícia do que de privada entupida.

Quando vou perguntar sobre o tamanho do feto, a senhora some do banheiro. Tão rápido que só percebo por causa do verso que entra pela porta: “Tanto faz, eu quero é mais amor.”

Quero sair também, mas estou com vontade de urinar, uma vontade incontrolável que eu não tinha percebido antes. A cerveja, só pode ser. Uma garrafa inteira, maldita cerveja. Não posso simplesmente entrar na cabine ao lado e fazer xixi. Seria como fazer xixi em cima de um bebê. Será que aquela senhora não é louca e inventou essa história?

Ainda apertada, saio do banheiro. Preciso encontrar Regina, mas é ela quem me encontra, junto ao balcão do bar.

— Onde você estava, Fê?

— No banheiro. Regina, tem um feto na privada.

— O quê?

A crooner continua querendo parecer a Alcione, e dificulta nosso diálogo. Não posso gritar ali, ao lado de uma bandeja com frango a passarinho, a palavra ‘feto’. Repito baixo no ouvido de Regina, que está bastante suada, o cabelo grudado atrás da orelha. Primeiro ela ri, achando que é piada, aquele tipo de coisa que a gente fala em balcão de boate em Ipanema para dar risada, parecer divertida e levar cantada. Quando vê a minha expressão, fica séria, e depois mais séria ainda. Arregala os olhos e pergunta:

— Cadê a Geisa?

O que é que a Geisa, que não veio porque está doente, tem a ver com um feto na privada? Uma fração de segundo e percebo. Então era esse o segredo delas.

Temos um pacto de jamais levarmos os flertes da Estudantina para a nossa vida “normal” na Zona Sul. Mas Geisa anda confundindo as coisas, dando trela para um taxista mulato, bom dançarino, é verdade, mas que não acerta uma concordância. Jorginho é cheiroso, ela diz; Jorginho não é fazedor de passos e sabe conduzir uma dama. Com a minha censura, passou a ficar cochichando com Regina.

Que ironia, a essa altura, logo eu, descolada, me sentir personagem de um samba brega, desses que falam de amor e traição... Então, eu apresento as duas aos meandros da gafeira, ensino tudo sobre os códigos da casa, ajudo a conseguir os melhores cavalheiros apesar de não serem nenhuma beldade, e agora elas estão aí

suadas, desgrenhadas, ficando, dando, engravidando, abortando no banheiro. Ou então estou ficando louca.

— Isso não faz o menor sentido — me irrita. — O que é que a Geisa tem a ver com isso?

Mas Regina não me responde: está teclando o celular e o levando à orelha grudada, para depois informar:

— Fora de área.

— Vem comigo ao banheiro, Regina.

— Eu não! Olha, esquece isso. Pensando bem, não deve ter nada a ver com a Geisa. É só uma coincidência. Ela ia resolver essa história hoje à tarde com o Jorginho, ia tomar um remédio, ficar de repouso. Certamente não viria para cá nessa situação.

— Você só pode estar brincando! Ela está transando com o Jorginho taxista? Está grávida?

— Ela não ‘está transando’. Ela transou. Acontece. E não dá pra contar essas coisas pra você, Fê. Você não admite que a gente seja de carne e osso, nem que venha à praça Tiradentes durante o dia, porque o certo é vir apenas à noite para tirar onda dos feios, bregas e incultos.

— Então vocês estão fazendo aula de dança aqui à tarde? — Mal posso acreditar. Tínhamos combinado que as aulas seriam apenas na academia de Botafogo.

— Estamos.

Minha raiva é interrompida pela movimentação na porta do banheiro feminino. A tal senhora deve ter chamado alguém. Agora não sei se devemos fugir dali, como do local de um crime do qual fomos cúmplices, ou correr para encontrar Geisa e entender o que aconteceu. E se ela estiver em perigo?

— Vamos lá na sacada tentar ligar pra Geisa — propõe Regina me pegando pela mão.

Atravessamos o salão. A orquestra está tocando um fox trot e os dançarinos ignoram a confusão no banheiro. Não, não pode ter acontecido nada grave, nada mais grave do que ter duas amigas traidoras e mentirosas. Mas Regina tem que me explicar essa história do remédio. Se Geisa ia tomar um abortivo hoje à tarde, e havia aula na Estudantina, claro que aquele feto pode ser dela, e não há coincidência alguma.

Na sacada, a brisa da noite e o silêncio da praça não me sossegam, e até me trazem um mau presságio. Encaro Regina. É claro que ela não tem o domínio da situação, mas tenta parecer segura. Nunca soube liderar nada. É ingênua, sempre precisou dos outros.

— De quanto tempo a Geisa está grávida?

— Uns três meses — responde, ainda tentando o celular.

Preciso urinar. A vontade é tanta que já não raciocino. Um feto de três meses é grande o suficiente para entupir uma privada? Abandono Regina sem lhe dar satisfação. De novo o salão, difícil de atravessar. Desvio de um casal que insiste em fazer um leque duplo apesar da falta de espaço, e alguém me dá um tchauzinho. Que hora para finalmente me notarem! Passo pelo balcão do bar e vejo que as mulheres invadiram o banheiro masculino.

— Alguém fez sujeira da grossa no feminino — explica uma morena baixinha na fila.

Um século até a minha vez. Sento na tábua sem forrar. Sujeira da grossa, murmuro enquanto me alivio. Lavo a mão com vontade, saio do banheiro, e volto para encontrar Regina. Dessa vez o ar fresco que vem da praça Tiradentes é agradável. Regina está sorrindo, olhando para baixo. Me debruço. Abraçados, como um casal apaixonado, vêm andando Geisa e Jorginho, arrumados para o baile — ele de chapéu e ela com um xale colorido. A praça parece uma gravura do Rio Antigo e eles estão lindos.

— Vamos dançar, Fê. Você está precisando. Vou lhe arrumar um par.

Deixo-me levar. Quando a orquestra toca “New York, New York”, não chega a pegar mal uma dama convidar um cavalheiro. Mas apenas em “New York, New York”.

1.2. “Planta circular”

Magnífico! Ponto nobre, reformado, salão em 2 ambientes, 4 quartos sendo 1 suíte, lavabo, banheiro social, copa cozinha muito ampla, dependência comple-

ta, 2 vagas escrituradas. Sol da manhã e portaria 24h. Agende sua visita com nossos corretores.

Podem entrar, fiquem à vontade, esse é o meu marido, vendo o futebolzinho dele de domingo, não reparam, a família está toda em casa. Aqui eu aumentei a sala, porque o quarto que fica depois era bem grande, vocês vão ver. Foi pra poder botar essa mesa de jantar, jacarandá maciço, herança de família. Não, não faz muito barulho, esse primeiro andar é como se fosse o terceiro, porque tem o play e a garagem embaixo. Olha aqui, a janela é dupla, de tardinha que é o horário do trânsito na rua, se você fechar não ouve nadinha. Na Europa é assim, todo mundo tem vidro duplo, só que lá é por causa do frio. Aqui é o quarto que eu falei, esse é o meu filho mais novo com um amigo; Gabriel dá uma licencinha pro casal ver. Não, eles já estão acostumados! Os armários são novos, foi meu filho mais velho, que agora é arquiteto, quem planejou tudo. Foi o primeiro projeto dele. Tudo reformado, três anos atrás! Por que estou vendendo? Ah, é que o Edgarzinho, meu filho arquiteto, diz que vai sair daqui, então quero ir pra um menor e comprar um apartamento pra ele com a diferença. Quer dizer, vou vender também um flat que a gente tem. Dá licença só um minutinho pra eu falar com ele. Edgar! Edgar, eu preciso entrar agora, para mostrar o quarto. Bem, depois a gente vê, deixa eu primeiro mostrar o escritório. É o quarto que eu transformei em escritório. Ali é a suíte, podem ir entrando. Cabe uma cama kingsize. O banheiro foi todo reformado, parte hidráulica, tudo. Aqui tinha uma banheira, eu botei um box bem grande porque não ligo pra banheira, mas isso depende do gosto de cada um, dá para colocar de novo. Não, não tem closet mas tem muito armário. Olha só, aproveitei cada cantinho. Aqui é a sapateira. Aliás, vou mostrar o roupeiro do corredor pra vocês. Edgarzinho, meu filho! Bem, a gente olha o quarto dele daqui a pouco. Filho, por favor, daqui a pouco abre essa porta! Vamos ver a cozinha. A planta é circular. Se você quiser, fecha a porta da sala, e as dependências da casa ficam totalmente isoladas. Eu, por exemplo, participo de um grupo que joga buraco, cada vez é na casa de uma, e algumas delas nunca entraram nesta parte de trás, privacidade total. Os armários da cozinha são de primeira. Tenho o telefone da loja que fez, eles fazem manutenção de qualquer coisinha. Não que já tenha precisado. Olha só o tamanho da área de serviço. Eu brincava que tinha comprado uma área de serviço quando comprei o apartamento, quatro anos atrás. Ao todo? No

IPTU, são 180 metros quadrados, mas o Edgarzinho mediu 194, sem contar as vagas na garagem. Não, não são demarcadas, mas são todas livres, na escritura, vocês sabem como é raro encontrar garagem ampla na zona sul do Rio. Já já vamos descer para ver. Só falta mostrar o último quarto. Vocês me dão licença um minutinho. Fernando!, se está no intervalo, por favor vá lá falar com o seu filho. Por-favor. Bem, vamos descer para ver o play. Vocês me desculpem esse probleminha, não sei se vai dar pra ver o último quarto, mas a foto está no site da corretora.

Resumo

A cirurgia bariátrica é considerada o tratamento mais efetivo da obesidade mórbida. No entanto, poucos são os estudos que avaliam o impacto dessa cirurgia a longo prazo. O presente trabalho se propõe a, com base no caso de Edgar P.V. e nos resultados obtidos pelo corte retrospectivo utilizado por Adams *et al.*¹ no período entre 1994 e 2002, avaliar o risco de suicídio relacionado a obesos mórbidos submetidos à cirurgia bariátrica. Embora os resultados do corte mostrem que pacientes submetidos ao procedimento cirúrgico apresentaram uma redução de 40% na mortalidade por qualquer causa, foi evidenciado aumento da mortalidade no grupo-intervenção na categoria considerada “não doença”, que inclui acidentes não relacionados a drogas, envenenamento por intenção indeterminada, suicídio e outras causas não clínicas. De maior relevância para a Psiquiatria é o resultado de que a taxa de “mortes não causadas por doença” foi 58% maior no grupo cirúrgico e como “não doença” foram considerados mortes por acidentes e suicídio. O primeiro ponto a se considerar, neste particular, é a inclusão do suicídio na categoria “não doença”. Complementando, Adams *et al.*¹ atribuíram o aumento da taxa de suicídio e mortes por acidente no grupo operado exclusivamente a uma possível psicopatologia de base anterior à cirurgia, o que seria evidenciado a partir do estudo do caso de Edgar P.V., 27 anos, estudante de arquitetura monitorado por acompanhamento psiquiátrico por sete anos, antes e depois da intervenção cirúrgica, sem êxito no controle do quadro depressivo do paciente. A explicação plausível levantada por este trabalho é a de que pacientes que procuraram a cirurgia apresentariam mais índices de comorbidades psiquiátricas comparados aos controles, como descrito previamente por Sjostrom *et al.*², o que tornaria o desfecho suicídio mais frequente no grupo cirúrgico.

1.3. “Do avesso”

Não sei pra que viver cem anos. Se tivesse com quem, ia comentar, *que bobagem um assunto desses na TV*, só serve pra consolar as pessoas velhas que falam o tempo todo em morrer, do tempo que resta, essas coisas. Pelo menos duas vizinhas aqui no prédio são assim. Uma delas completa toda frase sobre o que vai fazer – mesmo se for na próxima semana – com *se Deus quiser, porque na minha idade nunca se sabe*.

Mas Silveira, que é como eu chamo o meu pai, não fala de morte. Não fala de nada, cada vez fala menos, só quando precisa mesmo, porque consegue quase tudo de mim com gestos. Por exemplo: ele inclina a cabeça em direção à cozinha, ergue um pouquinho a sobrancelha quando está com fome, e eu trago a bandeja. Isso tudo sem tirar o olho da televisão. Eu digo *Silveira já vou trazer a sua comida e o seu remédio*. Como eu cheguei tarde do trabalho, ele está morto de fome, aí esquento alguma coisa da geladeira. Mesmo cansada, não me importo, só não quero nessa hora da noite é desvirar roupa; o resto até distrai.

Só que não adianta ver a novela com o Silveira pra distrair, não adianta fazer sopa pra distrair, porque quando vou dormir desando a desvirar roupa. Nos sonhos, são pilhas de calças jeans, e agora tem uma moda de calça jeans skinny ainda mais difícil de tirar do avesso, então no sonho quase não tem blusa que é só pendurar, pra Rafaela apanhar logo e livrar espaço. A pilha que não acaba é de calças e roupas de inverno, e no inverno o limite de seis peças por cabine não faz muita diferença, porque as mulheres saem com aquela montanha dizendo *não ficou bom*, e raramente, raramente mesmo, uma delas devolve alguma coisa no cabide ou do lado certo.

Aquelas meninas que ficam horas experimentando calça jeans, talvez elas vivam cem anos. Nem são tão mais novas que eu, mas elas se olham tanto no espelho, sempre olham a própria bunda no espelho grande do corredor, e parecem tão felizes, que com certeza vão viver muito, apesar de nunca pensarem nisso; e talvez eu seja a única pessoa de 34 anos que sabe de verdade que um dia vai morrer.

Soube em dezembro do ano passado, faltavam poucos dias pro Natal. De lá pra cá, troquei a sopa por gelatina feita de véspera e biscoito. Não coloquei mais remédio na bandeja, e o ventilador de teto passou a fazer um barulho agradável na sala, que nem relógio. Ou então fui eu que comecei a prestar a atenção nos barulhos e nos silêncios depois daquela noite, quando finalmente consegui chegar em casa.

Era sábado e eu nunca tinha desvirado tanta roupa na vida, porque a loja ficou lotada o dia todo, a fila do provador chegava a uns vinte clientes. Não que eu tivesse tempo de contar, porque além de tirar do avesso, separar, ajeitar, eu tinha que responder que *não, não estamos fazendo reserva de roupa, que outro tamanho só perguntando pra vendedora*, tudo isso contando o número que interessa, o de peças antes e depois delas entrarem, porque na véspera dois alarmes tinham sido encontrados no chão da penúltima cabine.

Não gosto de ficar imaginando quem está querendo roubar, porque só quem julga é Deus, mas naquele dia eu pensava nisso, percebia as duplas de amigas se entreolhando na fila, o jeito que elas iam dar pra me enganar. Ninguém gosta de ser enganado, mesmo que a loja não cobre o furto de mim. Como a Rafaela não parava no provador, era chamada a toda hora pra ir ao estoque ver isso e aquilo, todos os funcionários irritados com o movimento, as roupas amontoavam que nem nos sonhos. Depois que a loja fechou, fiquei uma hora tirando do avesso, arrumando, limpando, observando os estragos pra depois relatar. Foi só então que eu soube da chuva, porque no shopping a luz deixa a gente atordoada, parece que de propósito, pra ninguém pensar no céu ou no relógio. Mas só acreditei de verdade no tamanho da chuva quando apagaram um pouco as luzes dos corredores. Eu ainda estava no segundo andar, e a penumbra combinou com a chuva e com a noite que deviam estar lá fora. Quando saio do shopping, sempre tenho a sensação de estar descendo de outro planeta.

Fiquei duas horas debaixo da marquise, vendo a água subir, e mais uma vendo baixar. Só percebi o celular descarregado quando já estava sozinha – a multidão tinha arregaçado a calça e metido o pé na água. Hoje fico pensando como não vi a hora passar. Foi como se eu tivesse saído de um planeta mas não chegado ao outro. Talvez me sentisse descansando, porque mesmo em pé não precisava desvirar roupas, e nem tinha vontade de sair dali pra um domingo cuidando do Silveira.

Só que de repente fiquei com medo. Deu um pavor de preferir morrer. A chuva não machucava mais, porém estava tudo escuro e deserto. Pra onde tinham ido os ônibus? Eu precisava sair dali e minha única lembrança de lugar talvez aberto era um botequim no quarteirão de trás. Com sorte, era daqueles que não fecham enquanto tem bêbado com dinheiro. Melhor bêbado do que chuva e escuro.

Na rua, a água estava pelas canelas, mas não havia correnteza e consegui chegar lá. As pernas e os sapatos pesavam, arrastando a água grossa. No bar aberto, o dono tirava a lama do piso com rodo. Eu só pensava na mendiga que vi mijando no caminho, na calçada do outro lado, muito gorda, abaixando as calças folgadas, tipo pantalonas. *Dá pra ficar aqui até amanhecer e os ônibus voltarem?*, eu perguntei, e o dono deu de ombros num sim. Com o dinheiro da passagem quase contado, pedi uma Coca. Veio na garrafa de vidro, diferente do shopping, mais barata.

Coca-Cola tamanho família era hábito de fim de semana, espécie de alegria pequena, coisa bem típica da mãe, mas espatifou naquele dia. Não, naquela noite. Talvez chovesse. O sangue, o acidente, *a mãe escorregou com a garrafa*, disse o pai que ainda era pai e não Silveira. Isso, depois. Da hora, nunca tinha lembrado direito. Porque os cacos no chão, *cuidado com os cacos* a mãe sempre dizia, estavam espalhados, e eu, descalça. Só por isso não saí do lugar. Não podia sair. Do mesmo jeito que não podia mexer no fogão, *criança não mexe no fogão, é perigoso*. Fogão é perigoso. Mas o perigo não era o fogo nem o fósforo, era que a cabeça podia bater nele, bem na quina, com um safanão. E a garrafa podia espatifar, e os mil cacos confundiam tudo, porque só se podia olhar para o chão, pra não pisar neles, e não pro fogão nem para a cabeça sangrando da mãe, nem para os olhos do Silveira que ainda eram arregalados naquela época. E chovia.

Choveu a noite inteira, mas amanheceu com sol. Foi estranho passar pelo shopping fechado, domingo de manhã, tudo deserto e cheio de lixo. Pela televisão, não dá pra sentir, mas depois de um desastre fica uma paz triste no ar. Eu tinha gastado o dinheiro da passagem, então expliquei o meu sufoco pro motorista, e os outros três passageiros também ficaram contando histórias da chuva. Alguém falou o número de mortos, atualizado.

As pessoas que não vivem cem anos morrem de desastre, violência, mas a principal causa de morte no mundo são as doenças cardiovasculares. A diabete vem logo depois. Isso também vi na televisão. Dificilmente alguém com pressão

alta e muito açúcar no sangue vive cem anos, ainda mais se não tomar os remédios. Pra mim, está bom viver até os 70, o que significa, fazendo as contas, ter mais uma vida dessas que eu já vivi. Dessas, não. De outro tipo.

Meus planos nem são tantos, só sei que, quando mudar daqui, vou trocar de emprego. Talvez saia do comércio e vá trabalhar em casa de família. O salário é parecido, e, quando quero, cozinho muito bem – ainda novinha aprendi a lidar com o fogão, ao contrário da mãe o Silveira deixava. Só não quero desvirar roupa. E nem preciso mais, depois de ter tirado o pensamento do avesso e descoberto que vou morrer mas ainda dá pra viver, mesmo que não sejam cem anos.

1.4. “He or she”

Mal acordou, Kátia foi avisada pela filha do meio: o motorista havia deixado um envelope pardo logo cedo, a mando de dona Paula Serra. Senra, Kátia corrigiu. Estava cansada das fornadas da noite anterior. Teve de repetir um pão-de-ló que se desmanchou, sem falar no confeito de uma fazendinha inteira, os olhos já coçando de sono, mil vezes a galinha pintadinha. Mas correu para o envelope, curiosa.

Dentro, além do bilhete, outro envelope, este do laboratório. Lacrado. Jura-va que estaria aberto, não acreditara na história de que só ela, Kátia, saberia. Bem, de certa forma estava acostumada a manter algum sigilo em seu negócio, não eram poucas as clientes que recomendavam cuidados, nunca se sabe quando uma suposta amiga está disposta a copiar o tema da festa do filho. Mas, aquilo...

Aborto, aborto, filho, aborto, filho, filho. Três e três, conta estranha. E agora os bolos, para ajudar a pagar natação e curso de inglês. Cliente não faltava. Só no boca a boca – nunca fez propaganda na vida. Verdade que o fato de Paulo Cesar trabalhar com vans escolares ajudava. Minha mulher é boleira, e das boas. No fim de ano até recusava pedido, com jeitinho para não fechar aquela porta. Que pena,

não vai dar, e justo os cinco anos do Edinho, que praticamente vi nascer. Pena mesmo. Se tivesse falado com mais antecedência, quem sabe, mas assim, em cima da hora... Claro que ninguém vai mudar a data de aniversário, casamento, por mais famosa que seja a boleira. Cake designer, nos Estados Unidos. No final, dava para administrar a agenda, e ainda fazer uma média nos aniversários das filhas, as três entre novembro e dezembro, às vezes aproveitando bolo do filho dos outros que tinha dado errado.

Antes de abrir o envelope pequeno, Kátia se sentou. Dada a seriedade daquilo, melhor nem comentar sobre a encomenda com Paulo Cesar, a fofoca boa demais para não se espalhar. Tentaria não falar com ninguém, o segredo só dela até o dia da festa, como dona Paula instruiu na primeira vez. Desconversaria se alguém perguntasse sobre o bolo, bolo fácil de fazer e bem pago só por causa do sigilo. Absoluto, para garantir a surpresa.

Abriu com cuidado e demorou a encontrar o que interessava. Natália de Souza Leite Senra de Araújo em cima, paciente, e lá no meio a informação pertinente. Sorriu. It's a boy, como foi com a princesa Kate. Pelo visto, a filha de dona Paula também tinha nome de princesa, comprido. Ia comprar o corante em gel importado, mais caro, e garantir o recheio perfeito. Talvez intercalasse azul céu com azul escuro, para aumentar o impacto quando cortassem.

O design da cobertura não seria sua criação. Já recebera tudo detalhado, em dois arquivos. Até o tipo de letra com que escreveria “He or She... open to see!”, no terceiro andar do bolo, estava determinado. Depois descobriu que era imitação de outra festa daquele tipo, só que em Nova York, então os convidados não saberiam. Pelo que dona Paula comentou, a decoração da mesa, e de toda a festa, seria metade azul, metade rosa. Gender Reveal parties eram o futuro, substituiriam os chás de fraldas, Kátia precisava começar a se familiarizar porque seria o primeiro de muitos bolos, podia apostar. E foi por causa de seu espanto que acabou convidada para “passar por lá”. Ver o portal da entrada onde os convidados dariam seus votos e formariam as torcidas, azul e rosa, e também o painel onde escreveriam sugestões de nomes. Festa com cerimonialista e tudo, gasto que daria para comprar um bom carro usado.

Mas dona Paula às vezes voltava atrás na simpatia. Parecia até arrependida do convite quando ressaltou que a festa não era para crianças, como se com medo dela levar as suas. Até parece que levaria. Kátia sentiu subir de novo ao rosto aquele sentimento, o orgulho que temia qualquer hora não conseguir esconder, a vontade de dispensar metade das clientes, as mais esnobes, e que se dane o curso de inglês das meninas. Ora, sua casa estava sempre cheia de bolos e doces e guloseimas, não precisava levar penetra para encher barriga e roubar bem casados.

Mesmo assim, a curiosidade maior do que o orgulho, levaria o bolo e ficaria para a festa. Iria sozinha – ou melhor, só ela e o bolo.

Kátia chegava na festa com um bebê rechonchudo, de olhos grandes, e todas as mulheres aplaudiam. O bebê, com a bata bordada igual a do batizado real, se empolgava e tentava bater palminhas também. Ela o colocava ao lado do bolo e o fotógrafo dizia: vamos, esmaga! Kátia se ressentia, se soubesse que era um Smash the Cake não tinha comprado o corante mais caro. Ela tentava encontrar dona Paula, explicar que o bolo para a sessão de fotos era de outro tipo, inclusive mais fácil de destruir. Aí percebia que havia se enganado de festa, levado o bolo e o bebê errados, mas ele já estava todo lambuzado de azul, e agora, e agora?

Não era para despertar curiosidade, mas a filha menor estava começando o curso de inglês, então ficava procurando palavrinhas fáceis nos letreiros e nas embalagens para se exibir com a tradução. O He or She chamou sua atenção, daí veio a filha mais velha, e começaram as perguntas. Saíam daqui, me deixem trabalhar, e Kátia colocou o bolo na prateleira mais alta. Estava inquieta, dormira mal, e a sua própria curiosidade sobre a festa da filha de dona Paula havia se transformado em mal estar. De vez em quando, pegava o exame de sangue para ler de novo “sexo masculino”, como se pudesse ter olhado errado. Ia à festa porque tinha que ir.

Nas três vezes em que ficou grávida, e teve os filhos, Kátia soube o sexo durante o exame de ultrassom, que nem tudo mundo. Mas sempre havia alguma hipótese de engano. Tem certeza?, perguntou Paulo Cesar ao médico quando soube

da terceira menina. Mas, no caso do exame de sangue, não restava qualquer dúvida, já na oitava semana de gravidez. Só se Kátia estivesse delirando, e as letras não estivessem no papel. Estavam. He, azul céu intercalado com azul escuro, tudo camuflado por pasta americana bem branquinha e patinhos amarelos em glacê real.

Estava saindo para entregar o primeiro dos três bolos do fim de semana, quando viu o motorista de dona Paula. Ficou aliviada: se ela mandara pegar o bolo, era porque não queria mesmo Kátia de convidada. Melhor assim. Não, seu Geraldo, não é esse bolo, o da dona Paula é outro, já vou pegar; mas o motorista nem piscou e foi lhe estendendo um envelope branco. Não vai ter mais festa não, baixou a cabeça, e Kátia achou que espatifaria o bolo do Homem Aranha no chão.

“Kátia, por favor, destrua o bolo. E também aquele exame que lhe enviei antes. Jamais comente o seu conteúdo com ninguém. Não queremos saber o que seria. Entenda o nosso luto e aceite esta compensação por seus serviços.” A caligrafia perfeita sobre papel cartão com monograma da família, uma rubrica no lugar da assinatura, um maço de notas de cem reais.